

O NOVO
LUXO

A experiência visual e sensorial da arquiteta Ana Sybelle Braga, na Showhouse do designer Jader Almeida

CHRYL VILHENA
DE VOLTA

Empresária reestreia no circuito fashion com marca que leva o seu nome

SABOR
SUCCESSO

Amore di Latte abre caminho além das fronteiras de Jampa

FB·post

o novo impresso

NÚMERO 06
ESPECIAL 2018

O NÚMERO 1

BRUNO SANTOS

MODELO MASCULINO MAIS COTADO DO MUNDO, CONHECIDO COMO A "GISELE DE CALÇAS", VIVE HISTÓRIA DE AMOR COM A PARAÍBA

ARTE • DESIGN • FESTAS • GASTRONOMIA • BELEZA

FB·capa

BRUNO SANTOS:

do Estado da Poesia para as passarelas do mundo

Bruno. Com a força de todos os Santos - o seu sobrenome- ele nasceu na terra da poesia, do poeta Carlos Drummond de Andrade. O nome deles já é sinônimo de arte: o poeta está nas mentes inteligentes e o Bruno, nos aplausos das passarelas internacionais. Sim, poesia e moda são manifestações que atraem gigantesco público que aplaude e pede bis.

POR KUBITSCHKE PINHEIRO
FOTOS LUCAS FREITAS
BELEZA L'ÉQUIPE JR MENDES

Bruno nasceu em Belo Horizonte em 31 de agosto de 1979 e no ano que vem fará 40 anos. Muito jovem ainda para já ter ultrapassado tantas fronteiras. Drummond nasceu em 31 de outubro de 1902, em Itabira, Minas, o poeta do sentimento do mundo.

Os pais de Bruno eram muito jovens quando o engrandaram e não tinham as posses que ele tem hoje. Dito por ele, que sofreu na pele, as dificuldades da família “eram imensas” e o pai o espancava continuamente, sob a influência do álcool. “Tristeza, mas acontece com milhares jovens em todo o mundo”, lamenta.

A mãe, sempre a mãe, enviou o garoto para a casa dos avós maternos, para enfrentar uma saudade estúpida, mas ela estava certa do sofrimento da separação. Os avós maternos eram fazendeiros e residiam em uma cidade do interior de Minas, chamada Campina Verde. Verde, aliás, já é uma esperança.

“A mudança foi crucial na minha vida, principalmente porque estava frágil, desnutrido e a saudável alimentação do campo me proporcionou franca recuperação, onde por um período vivi os melhores momentos de minha vida e descobri o contato com a natureza”, diz ele ao encontrar a terceira mãe, a natureza.

VELHO JARGÃO. Todos querem saber o que a gente vai ser quando crescer. Aos sete anos de idade quando lhes perguntavam, Bruno dizia que queria ser ecologista ao que prontamente os adultos ao redor tentavam tirar da sua cabeça com o argumento que essa profissão não dava dinheiro, mas dinheiro não parecia amarrar o jovem Bruno. “Meu desejo nada tinha a ver com fazer fortuna e meu apego à natureza sempre falou mais alto e me acompanha por toda a vida”. Em dado momento, ele retornou a casa dos pais para enfrentar dificuldades, entre elas: alimentação pouca. Estudou em escola pública, mas os pais não tinham dinheiro sequer para comprar o material escolar. Rapidamente Bruno se multiplicou nos estudos tirando boas notas e buscou o conhecimento. “E confesso que um dos motivos que me levava a não perder um dia de aula era a merenda escolar ou o café da manhã, servido na escola depois do segundo horário”.

PICOLÉS, DOCES E AMENDOINS

O jovem rapaz queria sair daquele ciclo, tirar seus familiares da situação em que se encontravam, mas tinha que conseguir um emprego formal com a idade que tinha. Aos sete anos passou a vender, nas ruas e na escola, picolés, doce de amendoim, coco e outras delícias que sua avó fazia. Dos sete aos doze anos ajudou sua mãe a montar e vender acessórios e roupas pela vizinhança, batendo de casa em casa. “Era o início de uma busca por dias melhores”.

O pai passara grande parte do tempo desempregado e isso desmorona qualquer família. “Meus avós mandavam dinheiro para ajudar de vez em quando, mas ele, alcoólatra, acabava gastando boa parte com bebida”, lembra.

Naquela época, nos conta Bruno, que juntava dinheiro embaixo da cama

“Meu desejo nada tinha a ver com fazer fortuna e meu apego à natureza sempre falou mais alto e me acompanha por toda a vida”.

OUTRAS RECORDAÇÕES

Os avós nunca saíram da cabeça do jovem modelo. O avô era um homem íntegro. Um dos sujeitos mais sábios que ele conheceu, embora só possuísse a quarta série primária e mal soubesse ler e escrever. “Era de poucas palavras, mas de palavra”. Isso dele dizer de palavra já é um pouco de ensinamento, cuja expressão ainda é repetida entre os homens que têm palavra. Uma madrugada, recorda Bruno, ele e os outros trabalhadores estavam na rotina de acordar às quatro da manhã para tirar leite das vacas, quando um deles não conseguiu levantar por estar muito cansado e sentir dores no corpo. “Não hesitei em dizer ao meu avô: Não se preocupe, dou conta do recado. Às 07h20 da manhã meu avô

para comprar brinquedos, mas diante da situação acabava dando os trocados para sua mãe. “Ela costuma dizer que aquele meu gesto, a entrega do dinheiro valia muito mais do que os dólares que sou capaz de lhe proporcionar hoje”, comenta emocionado.

Veio a adolescência, a fase mais difícil de um homem. Ele voltou a morar no interior com seus avós e, além de ajudar no trabalho da fazenda, praticava esporte e orgulhava-se de ser considerado o novo desportista da pequena cidade ostentando medalhas conquistadas no voleibol, onde se consagrou o melhor atleta.

“Esse meu vigor físico permitiu que, aos treze anos, apesar da pouca idade, pudesse, além de realizar os afazeres da fazenda, também acompanhar vaqueiros levando dezenas de cabeças de gado da raça Nelore, de uma fazenda a outra. Eram jornadas de trabalho árduo que aconteciam justamente nas férias da escola”, conta.

apareceu no curral e apontando para um canto, me disse: ‘Você está vendo aquela bezerra ali? Ela é sua!’ Essa bezerra reproduziu-se, proporcionando-me algumas cabeças de gado”.

Quando Bruno tinha quinze anos, chegou a outra vez de voltar à vida urbana onde nasceu. “Naquela época, ajudava meu pai na venda de produtos, principalmente filtros de água, e trabalhava parte do tempo em construção. Outro orgulho que tenho é o de ter ajudado a construir todas as casas de minha família materna”. Outro registro profundo na vida do artista, cuja história já é uma saga, foi quando os pais se divorciaram. Ele vendeu todo o gado que tinha na fazenda de seu avô para ajudar a família. “E isso me marcou profundamente”, desabafa.

“ERAM JORNADAS DE TRABALHO ÁRDUO QUE ACONTECIAM JUSTAMENTE NAS FÉRIAS DA ESCOLA”.





NA ESTRADA DO CONHECIMENTO

Bruno foi estudar Engenharia no Centro Federal de Educação Tecnológica (Cefet), considerado um dos melhores centros de ensino médio, técnico e superior do nosso país. Ali ele se especializou em Estradas. “Como meu objetivo era um ensino de melhor qualidade, estudei duro para conseguir ingressar nesta escola. Lembro que fui o único do meu bairro e da minha escola a passar para o Cefet”.

Até os vinte e dois anos ele fez de tudo. Atuou em construção, vendas, serviços públicos, escolas, restaurantes, sacolão, foi office boy, fez serviços gráficos, trabalhou também em almoxarifado. A área de contabilidade e o gerenciamento foram seus últimos trabalhos antes de ingressar na carreira de modelo. “E rapidamente alcancei mais uma conquista: tornei-me um dos melhores do mundo nessa profissão”, revela.

PARIS E MUITAS MARCAS

Ele tinha 21 anos e nunca esqueceu a proposta de ir a Paris: “com tudo pago”. Apesar de não dar atenção à área da moda, vi naquela oportunidade uma forma de conhecer outras culturas. Jamais imaginei que chegaria ao topo do mundo da moda”, reflete.

Com 23 anos Bruno perdeu o pai, que não viu sua ascensão e profissionalismo. Mas ele avançou assustadoramente. Sua carreira não foi plantada por campanhas globais, mas pelo aval de companhias multimilionárias que o contrataram por vários anos seguidos, por acreditarem em sua imagem e valorizarem o profissionalismo, como: “Armani, Versace, Guess, L'oreal, Lexus e Sony”. E isso foi só o começo... “Divulguei diversos segmentos para elas, de roupas íntimas, desfiles, óculos, eventos, a fragrâncias. Acho que o grande diferencial de um bom profissional é quando ele volta a ser contratado repetidas vezes pela mesma empresa. É prova indiscutível de reconhecimento”, arremata.

Além dessas marcas ele atuou em diversos trabalhos para Calvin Klein, Redken, Cartier, Roberto Cavalli, Dolce & Gabbana, Oscar de La Renta, Bacardi. E estampou editoriais e entrevistas em praticamente todos os melhores magazines: Vogue, GQ, V Magazine, Elle, Vanity Fair.

“Fiz alguns trabalhos no mercado brasileiro para Ricardo Almeida (para quem abri um desfile na SP Fashion Week e fui, na época, o maior cachê masculino da história do evento), M.Officer, VR, Vila Romana, Mandi, Ellus, Zoomp (marca para qual fechei um desfile ao lado de Gisele Bündchen), além da Zapping, Talentos Joias e Rosa Chá...”.

O TRABALHO DIGNIFICA

Com o pé na tábua e fé no Supremo, Bruno trabalhou sem fim. Não tinha fins de semana, nem feriado, nem férias. “Abdi quei de muitos prazeres e quereres, de relacionamentos, de festas, contei os centavos, os segundos e recebia 99 não e um sim, antes de começar a ter sucesso”.

“Os desafios foram indescritíveis, somente Deus sabe o que passei, de dormir em parque, de ficar dois anos fora do país sem receber ligação de ninguém para saber se eu estava vivo ou não, e olha que eu não falava inglês, não tinha familiares ou amigos fora do país, era somente eu e Deus e a certeza de que Ele tinha um destino para mim: O extremo da simplicidade e o extremo do glamour e tudo isso me veio com a força do meu trabalho”.

PELO MUNDO AFORA E OS ASSÉDIOS

Depois de fazer seu nome e, claro, junto ao que o dinheiro pode proporcionar – desde os anos iniciais, sendo modelo fulltime, numa rotina insana, estampando os principais editoriais de moda e, desfilando nas principais passarelas do mundo, Bruno se permitiu dedicar um tempo a projetos paralelos. E estava certo.

“Afastei-me das capitais do mundo fashion e abri mão de minha casa em Nova York. Lembro como se fosse agora, quando, em uma semana de moda de Milão eu me encontrei no escritório da Why Not Models, com os dois agentes masculinos mais poderosos da época: Shan Partisan (presidente da Wilhelmina Models) e Rosa Sally (presidente da Why Not Models) para dizer-lhes “I need a brake from the business” (Preciso de um tempo fora do mundo da moda)”. E zarpou.

Segundo Bruno a dupla ficou estupefata. Leiam: “Bruno, você é a imagem masculina com maior exposição no mundo”. Ele estava simultaneamente no ar em comerciais da Sonny, Armani, Versace, L'oreal, campanhas no Brasil na China, em todo mundo! Era impossível abrir uma revista em que ele não estivesse na capa ou na contracapa, ou passar por um aeroporto ou estação de trem sem ver alguma foto dele em alguma campanha.

“No ranking mundial eu estava como o primeiro modelo da América Latina e, figurava entre os melhores do mundo. No Brasil, foi publicada uma matéria na Revista Época a respeito. E eu nem tinha assessoria muito menos rede social, coisa a que me rendi apenas recentemente”.

E mais: “Só eu sei o quanto foi difícil. Meus agentes ficaram incrédulos e inconformados com essa saída drástica da rotina de

um modelo que alcançou o que alcancei. Afinal, choviam ofertas de Hollywood, programas de TV me assediando para ser apresentador, enfim, possibilidades de alcançar ainda mais repercussão no show business. Mas não era isso que eu queria”.

Falando em Hollywood, na massificação global e na verdade nua e crua, Bruno tem uma boa resposta sobre o assédio. “É lamentável esta realidade que infelizmente não é coisa da atualidade, acontece há tempos. Já sofri assédio sim, já perdi trabalhos importantes como para a fragrância Ralph Lauren, por não ter me submetido a esta falta de profissionalismo. Ainda não eram tempos em que se podia levantar a voz e acusar publicamente como hoje. Mas não me calei, minha dignidade era mais importante, perdi o trabalho, mas não aceitei o assédio”, argumenta.

Bruno sempre teve valores bem definidos. “Sim. Não tenho preço, tenho valor. E você pode ter certeza que todas as campanhas e profissionais para quem trabalhei foram conquistados com muita dedicação, suor e profissionalismo. Prova disso, é que passe o tempo que passar sou muito bem quisto por estilistas, agentes

e staff em geral ao contrário de quem é o queridinho da vez e depois é traído pelo esquecimento”.

Ele sabe muito bem que em todas as profissões há o profissional de caráter e o mau caráter. “Sei sim. Com o tempo encontrei o meu time, os profissionais do bem, que trabalhavam comigo porque gostavam de meu trabalho. Acredito muito em meritocracia, nunca consegui nada por ser filho de sicrano ou por sair para jantar com fulano. O profissionalismo sempre foi o meu mantra”.



“GISELE DE CALÇAS”

Isso mesmo, Ele é conhecido pelo mundo como a “Gisele Bündchen de calças”, mas poucos aqui na Paraíba sabem. “A minha ex-namorada paraibana demorou mais de três meses para descobrir que eu era modelo... A verdade? Muito poucos sabiam em João Pessoa. Não é à toa que ele diz ser ela, a Gisele, o

BRUNO & A PARAÍBA

A Paraíba pode não ser o paraíso, mas para muitos é o melhor lugar - o silêncio, a beleza dos mares e a boa gastronomia. “Aquele tipo de coisa que não tem lógica, quando bate derruba, não sei explicar o que a Paraíba tem, mas só ela tem”, diz ele em total sintonia. Bruno ainda morava em New York quando abriu uma agência de modelos e produção, em Belo Horizonte. “Abri esse negócio no Brasil para ajudar a família. A abertura desta companhia, me proporcionou sempre que estava de passagem pelo Brasil, viajar pelo país produzindo alguma campanha ou em busca de alguma locação. Numa dessas viagens sobrevoando a Paraíba, decidi conhecê-la e caí de amores pelo estado a ponto de afirmar ao aterrissar em João

O AMOR QUE NÃO VINGOU

Em meio a tantas descobertas em solo paraibano, depois de percorrer o mundo, foi por essas bandas da terra que ele encontrou o amor e quase casou-se com uma paraibana. “Não só a amei muito, como também a sua família mas é verdadeira a citação que diz do amor “Que não seja imortal, posto que é chama. Mas que seja infinito enquanto dure.” (Vinícius de Moraes) Bruno Santos continua apaixonado por nosso estado “onde os valores princípios e a cultura, me agradam muito, além de lembrarem o melhor do meu estado,

maior ícone entre os seus preferidos no mundo da moda. “Gisele Bündchen (por utilizar a fama para trazer os holofote para a boa causa de proteger a nossa Mãe Terra, a natureza, a nossa Amazônia)”. Hoje, Bruno tem novos projetos a realizar. “Mergulho cada vez mais no universo artístico, e o trabalho de criação requer dedicação e esforço. Por isso resolvi focar minhas forças em projetos maiores. O principal deles é ajudar as pessoas a também conquistarem seus

Pessoa que queria ficar ali para sempre”. Com casa comprada em solo paraibano, base montada, ele se deu ao prazer de um ano sabático para iniciar os projetos e começou por produzir fotos para um livro de poesias de sua autoria. “Acredito (pelos relatos de locais e pela inexistência de material publicado na época) ser a primeira pessoa que fez um trabalho fashion de fotografia no agora famoso Lajedo do Pai Mateus, perto de Cabaceiras, a Hollywood brasileira.... De vocês, de todos nós” “Além disso, eu também estava em um momento de reflexão, precisava de um lugar com boa energia, neutro, longe dos holofotes. Viajei por todo o Brasil, mas foi na Paraíba que fiz conexão com o ar de tranquilidade da época. Hoje, a cidade está muito desenvolvida, não dá mais para correr no Altiplano e pegar uns cajus na mata que havia por lá, como eu gostava de fazer, mas o amor permanece”.

aquele do pão de queijo de Minas Gerais. Aqui encontrei pessoas hospitaleiras, de bom coração e que apreciam comer bem e aproveitar a vida como eu”, adianta. Afinal, como a Paraíba está inserida nos projetos de Bruno? “Estou literalmente enraizado na Paraíba, com minhas filhinhas árvores, que cultivo com amor numa diversidade que vai de Ingá, Ipê Rosa, Bambu ao Pau-brasil. Com um projeto pessoal de reflorestamento à beira-mar, onde recuperei uma área cujo solo era pobre, arenoso, sujeito a intempéries, provei que mesmo solos degradados podem ser recuperados.

E resisti ao assédio comercial onde frequentemente fui abordado por

sonhos Com a experiência e o vigor do caminho que percorri, quero colaborar com a preservação da natureza, a defesa da vida, a dignidade humana”. Ele, que viajou e já esteve nos melhores lugares do mundo, usufruindo de excelentes hotéis, em grandes festas e eventos, abre o coração e confessa que o que mais gosta é de estar à beira-mar, “pescando meu próprio peixe e preparando-o ali mesmo, ao lado dos que quero bem”. E esse bem querer está relacionado com a Paraíba.

“Numa dessas viagens sobrevoando a Paraíba, decidi conhecê-la e caí de amores pelo estado a ponto de afirmar ao aterrissar em João Pessoa que queria ficar ali para sempre”.

construtores e empresários argumentando que meu terreno era perfeito para construir um Hotel, um Resort e ofereciam-me cifras tentadoras.

Argumentos inúteis para alguém como eu, cuja essência é a preservação da natureza e não a destruição dela para que se construam seus castelos. Estou montando nesta propriedade no litoral sul, um estúdio e uma equipe para viabilizar e agilizar a produção de meus próprios projetos, de modo que a Paraíba ainda vai me ver muito por aqui, no retorno do contrato de 2 anos com o Stúdio Pier59, do empresário da Indústria Cinematográfica, Federico Pignatelli, que estou cumprindo em Nova York”.



“ESTOU LITERALMENTE ENRAIZADO NA PARAÍBA, COM MINHAS FILHINHAS ÁRVORES, QUE CULTIVO COM AMOR NUMA DIVERSIDADE QUE VAI DE INGÁ, IPÊ ROSA, BAMBU AO PAU-BRASIL.”

